

Risco Brasil sobe 7% em um dia

EDNA SIMÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

Os desdobramentos da crise política no país serviram de combustível para a continuidade da volatilidade do mercado financeiro. O cenário ficou ainda mais tumultuado com a divulgação de indicadores que mostram uma desaceleração da economia norte-americana e devido à instabilidade política em países como Tailândia e Hungria. A perspectiva de crescimento menor nos Estados Unidos e dúvidas quanto a governabilidade do próximo presidente da República brasileiro faz com que os investidores estrangeiros começassem a buscar aplicações menos arriscadas do que as oferecidas pelos países emergentes.

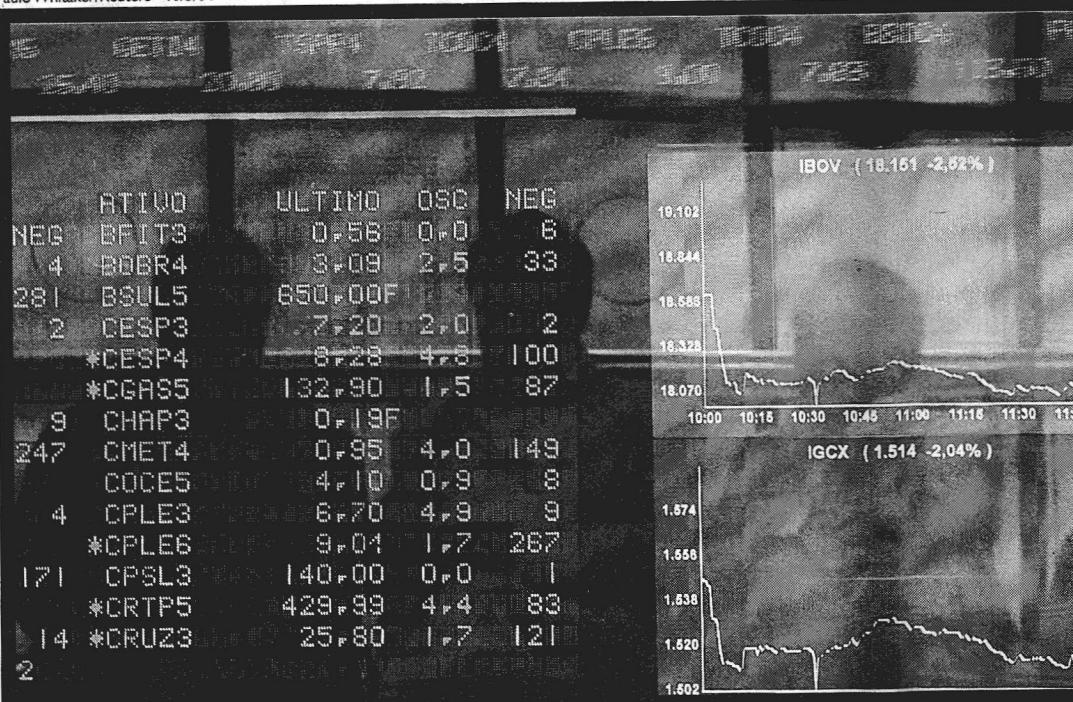
Esse movimento dos investidores refletiu ontem no risco-Brasil que disparou 7% e chegou a 244 pontos. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) caiu 1,04%, atingindo 34.830 pontos — o menor patamar desde 27 de junho. Já a cotação do dólar subiu 1,47% — a terceira alta consecutiva —, sendo comprado a

R\$ 2,2070 e R\$ 2,2090 para a venda, a maior cotação desde julho. A perspectiva é de que o mercado continue tenso pelo menos até o fim das eleições.

Um dos principais ingredientes da volatilidade no país foi a divulgação do índice de atividade econômica de alguns estados norte-americanos. O Fed da Filadélfia, uma das 12 divisões do Federal Reserve (banco central americano) divulgou que o índice de atividade econômica da região ficou em -0,4 ponto neste mês, número bem distante dos 14,8 pontos esperados pelos analistas. O Fed Chicago também informou um índice de atividade econômica negativo. Ficou em -0,18 ponto, pior número em 11 meses. Para agravar ainda mais a situação, o instituto privado de pesquisa The Conference Board divulgou que um dos principais indicadores de atividade da economia americana caiu 0,2% no mês passado, para 137,6 pontos — segunda queda consecutiva.

Para o economista-chefe do Banco Modal, Alexandre Póvoa, essa perspectiva de um nível de atividade menor nos Estados Unidos desanimou o mercado. "O fa-

Paulo Whitaker/Reuters - 10/5/04



BOVESPA FECHA EM QUEDA DE 1,47% E ATINGE A MENOR PONTUAÇÃO DESDE O ÚLTIMO DIA 27 DE JUNHO

to político só colocou um pouco mais de pânico. Há muita pressão", ressaltou Póvoa. No dia 2 de outubro, vencem os contratos de swap cambial reverso do Banco Central no valor de US\$ 1,6 bi-

lhão. Hoje, a autoridade monetária vai tentar rolar US\$ 600 milhões, o que poderá ser mais um motivo de pressão do câmbio. O BC já anunciou que, na segunda-feira, vai realizar uma nova pes-

quisa de preço para um novo leilão de rolagem de dívida.

O economista da Corretora Liquez, Francisco Carvalho, destacou que o mercado de câmbio vai trabalhar de olho no cenário

internacional, que será a "bússola". "A pressão política só será um pouco mais de gasolina", brincou o analista. Segundo ele, a perspectiva de uma desaquecimento da economia norte-americana provoca uma aversão ao risco dos investidores. Ao contrário do que tem acontecido rotineiramente, ontem a autoridade monetária não atuou no mercado comprando dólares. "O BC não quis colocar mais volatilidade no mercado", destacou Carvalho.

A crise política no país, provocada pela tentativa do PT de comprar um dossiê contra o candidato ao governo do estado de São Paulo, José Serra, trouxe ao mercado dúvidas sobre a capacidade de governabilidade de Lula, em caso de reeleição. O economista-chefe da Uptrend Consultoria Econômica, Jason Vieira, disse que a vitória de Lula no primeiro turno pode prolongar as turbulências no mercado até o final do ano. "A vitória no primeiro turno vai deixar dúvidas sobre a governabilidade. Não será um governo fácil de se fazer", disse Vieira, acrescentando que o medo de recessão nos Estados Unidos pode azedar ainda mais os ânimos do mercado.